

SÃO PAULO: IMPACTOS DA MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITALISMO SOBRE UMA METRÓPOLE PERIFÉRICA O VETOR SUDOESTE COMO UM ESTUDO DE CASO

Wagner Iglecias

Resumo: este artigo analisa alguns novos arranjos de sociabilidade surgidos na cidade de São Paulo, nos anos recentes, por conta da paulatina modificação da vocação econômica da metrópole, que deixa para trás seu tradicional perfil industrial e se torna um grande centro de comércio e serviços. O recorte aqui utilizado refere-se à região sudoeste do município, na qual vem se concentrando, durante a década de 90, uma vasta gama de escritórios onde localizam-se as sedes brasileiras de inúmeras corporações transnacionais, os quais estão se situando no mesmo espaço geográfico de bairros residenciais ocupados há anos por populações de baixa renda. A hipótese aqui defendida é a de que os novos vizinhos não apenas não estabelecem comunicação como não compartilham valores comuns. É provável que estejam também desligando parte significativa de seus laços com o espaço público e com os demais contingentes populacionais presentes na metrópole.

Palavras-chave: *São Paulo, metrópole, mundialização do capitalismo, corporações transnacionais, favelas, sociabilidade*

A cidade de São Paulo tem se notabilizado por conseguir manter a posição de liderança na economia brasileira, embora, juntamente com o estado de São Paulo, venha sofrendo nas últimas décadas um processo de desindustrialização e diminuição de sua participação no Produto Interno Bruto do país. O novo modelo de inserção do Brasil na economia mundial, pautado por reformas estruturais de caráter liberalizante, tem sua mais importante expressão espacial na consolidação da cidade de São Paulo como pólo de conexão da economia e do território brasileiros com os fluxos globais de capital. São Paulo tem adquirido, nos últimos anos, características de uma metrópole informacional, deixando de ser uma economia de produção de bens para tornar-se uma economia de desempenho de funções. A cidade segue a mesma tendência observada nas mais importantes metrópoles do planeta, e a medida que o Brasil se integra à economia mundial, passa a ser mais um centro de articulação do capitalismo contemporâneo, alçado hoje à condição de sistema global.

O processo de transformação da vocação econômica da cidade de São Paulo acentuou-se durante a década de 90, e entre inúmeras e diversificadas atividades terciárias, tem cabido à capital paulista concentrar os centros decisórios das corporações cujos produtos e serviços caracterizam o capitalismo transnacionalizado da época atual. Em São Paulo estão as matrizes brasileiras de grande parte das empresas de finanças, tecnologia, mídia, telecomunicações, publicidade, consultoria empresarial e companhias ponto.com em atividade no país. Na capital paulista concentram-se ainda os estratos mais qualificados do mercado de trabalho brasileiro, a maior universidade e alguns dos melhores centros de pesquisa do país, a maior infra-estrutura de telecomunicações do território nacional, o maior mercado consumidor e a melhor rede de serviços corporativos de apoio as atividades de

gestão do grande capital (hotéis, centros de convenções, shopping centers, restaurantes, espaços de cultura e lazer, etc.).

Na metrópole de São Paulo localizavam-se, em 1998, as sedes de 35 dos 100 maiores grupos empresariais brasileiros. Entre as 100 maiores empresas estrangeiras com atividades no Brasil, 54 tinham suas matrizes sediadas na capital paulista ou cidades da região metropolitana. Entre os 100 maiores bancos privados nacionais, 44 tinham sede em São Paulo e 1 em Osasco, cidade vizinha à capital paulista. Entre os bancos estrangeiros em atividade no país, que não chegam a contabilizar uma centena, 94% possuíam suas matrizes brasileiras na cidade de São Paulo.

Tabela 1
Concentração das sedes das grandes corporações por estado – 1998*
(%)

	100 maiores empresas privadas nacionais	100 maiores empresas estrangeiras	100 maiores bancos privados nacionais	Bancos Estrangeiros
Reg. Metrop. SP	35	54	45	94
SP Interior	3	7	0	0
RJ	18	13	22	3
RS	9	4	7	0
MG	6	7	5	0
BA	7	1	2	0
Outros estados	22	14	19	3
Total	100	100	100	100

Fonte: Balanço Anual - Gazeta Mercantil

* Por Receita Operacional Líquida

Enquanto no segmento dos maiores grupos nacionais e estrangeiros a metrópole paulista concentra o maior número de sedes de empresas, embora, por conta de recentes fusões e privatizações de companhias, seja crescente o número de corporações com sedes em outros estados brasileiros, no setor financeiro a primazia da cidade de São Paulo é incontestável. Entre os 10 maiores bancos privados nacionais, 7 tinham sede em São Paulo no ano de 1998. Entre os 10 maiores bancos estrangeiros em atividade no País naquele mesmo ano, 9 tinham suas matrizes na capital paulista. Além disso, a recente transferência da parcela do mercado de capitais que cabia à Bolsa de Valores do Rio de Janeiro para a Bolsa de Valores de São Paulo têm concentrado a quase totalidade das corretoras de valores na cidade de São Paulo. Em termos espaciais, tem ocorrido uma significativa concentração de empresas na região sudoeste do município, alçada quase à condição de um novo centro da cidade. .

A metrópole paulista caracterizou-se, no decorrer do século, por concentrar as funções de comando de cada etapa histórica de desenvolvimento do capitalismo brasileiro. A formação, na década de 90, de uma nova centralidade na cidade, que agora concentra as

funções de articulação do mercado e do território brasileiros com a economia mundializada, é o objeto de reflexão do presente texto, ainda que, por mais paradoxal que possa parecer, esse novo centro da cidade de São Paulo se localize territorialmente junto à parcela mais excluída da periferia paulistana. Como afirma Milton Santos, a metrópole paulista vive um processo de mundialização incompleto, seletivo e desigual. Nela se justapõem e se superpõem traços de opulência, devidos à pujança da vida econômica, bem como suas expressões materiais, e sinais de desfalecimento, graças ao atraso das estruturas sociais e políticas. Tudo o que há de mais moderno pode aí ser encontrado, ao lado das carências mais gritantes (Santos, 1990).

Os dois modos de construção da cidade

O tema do crescimento vertiginoso e desigual da metrópole de São Paulo no decorrer do século XX já é relativamente conhecido. Existe uma importante literatura referente a ele, desenvolvida principalmente por cientistas sociais e urbanistas paulistas. Em geral, as pesquisas e reflexões sobre o tema apontam para um modelo de crescimento que se deu de modo discriminatório, por parte do poder público, em relação aos diversos estratos sócio-econômicos presentes na metrópole. (Singer, 1975; Santos, 1990; Kowarick, 1994; Maricato, 1998). Algumas pesquisas apontam questões mais específicas, como a da habitação, e mostram como desde as primeiras décadas da industrialização paulista a questão da moradia foi bastante problemática para as classes trabalhadoras, obrigada a desenvolver estratégias que resultaram em encortiçamento, favelização e autoconstrução de casas em loteamentos periféricos (Bonduki, 1994). Outros estudos demonstram as estratégias desenvolvidas pelas elites paulistanas para isolarem-se das camadas populares, criando espaços sociais diferenciados e exclusivos na metrópole, bem como o abandono reiterado desses espaços e sua ressignificação por parte das classes populares (Rolnik, 1994; Frúgoli, 1998).

A polarização entre as “terras altas”, nos bairros de Campos Elíseos, Higienópolis e Avenida Paulista, e as “terras baixas”, nos bairros do Brás, Bom Retiro e Barra Funda, que opunha industriais e barões do café a operários no início do século, atravessou as décadas e reproduziu-se em outros espaços da capital paulista. Ao lado de uma ideologia reacionária, que substituiu a mentalidade higienista da elite paulistana do início do século pela especulação imobiliária pura e simples sobre terrenos ocupados pela população de baixa renda, historicamente estiveram o desejo de auto-isolamento dos mais ricos e a tendência de concentração, num mesmo espaço urbano, das atividades de gestão do grande capital e a moradia das camadas mais abastadas da população. É por conta desta conjunção de fatores que a história da urbanização da cidade de São Paulo é a história da periferização da pobreza e da criação e do abandono de centralidades.

A periferização da cidade, que é responsável pelas medidas grandiosas que caracterizam São Paulo e sua região metropolitana, se deu em todas as direções, e em especial nos quadrantes sul e leste. A criação de novas centralidades, porém, obedece há décadas um percurso, a partir do centro histórico da cidade, em direção ao quadrante sudoeste. Enquanto nos primeiros tempos da industrialização paulistana a Praça da Sé e seu entorno concentravam as atividades políticas, sociais e econômicas desenvolvidas pelas elites, no decorrer das décadas o centro histórico teve suas funções econômicas redefinidas, e a Avenida Paulista e arredores consolidaram sua hegemonia como bolsão residencial dos setores sociais mais elevados e como centro de serviços sofisticados, passando a sediar empresas do setor terciário, como os grandes bancos paulistas.

Durante os anos 60 um *boom* imobiliário consolidou a tendência espacial da cidade de concentrar em uma mesma localidade a moradia dos mais ricos e as atividades de ponta do capital. A expansão do bairro dos Jardins, iniciada ainda nas primeiras décadas do século, atingiu naquele período a margem do Rio Pinheiros e uniu-se ao então ainda pouco habitado bairro do Morumbi. A Avenida Brigadeiro Faria Lima, que corta a região, foi alçada à condição de vetor desta nova expansão do centro em direção à região sudoeste da cidade. A extensão imaginária da Faria Lima, composta pelo traçado ligando a imensa área entre os bairros de Itaim e de Santo Amaro, paralela ao Rio Pinheiros, começava, a partir de então, a ser objeto de um novo movimento de especulação imobiliária e valorização urbana. Centenas de terrenos, muitos ainda vazios, ou ocupados por galpões industriais e residências de classe média, foram adquiridos por grandes agentes imobiliários e estocados, numa estratégia de valorização a longo prazo. O mercado imobiliário apostava no crescimento das atividades de serviços em direção ao bairro de Santo Amaro.

Santo Amaro, aliás, desde os anos 50 já se notabilizava como a principal região fabril da cidade. O antigo município de vocação agrícola, situado ao sul da capital paulista, se transformaria, a partir dos anos 60, numa região vastamente povoada, principalmente pelas camadas populares, formadas por milhares de trabalhadores migrantes que para a metrópole afluíam atraídos pelo emprego industrial ou pelas atividades de suporte a ele. Acompanhando o rio Pinheiros e a antiga linha da ferrovia Sorocabana, estabeleceu-se ali o principal pólo da grande indústria no município de São Paulo. Os trabalhadores empregados nas fábricas ocuparam, ao longo do tempo, as regiões menos valorizadas, nos barrancos entre as represas (enfrentando uma legislação de proteção dos mananciais que impediria a ocupação dessas áreas) e, ao lado oeste do Pinheiros, adensando a ocupação de distritos como Campo Limpo e Capela do Socorro, e ao longo das estradas do M'Boi Mirim e Itapeverica. A chegada dessa população operária transfigurou completamente o antigo

bairro de Santo Amaro, sendo a expressão mais visível disso o Largo Treze de Maio, espaço central de toda a região. Ele se tornou não apenas ponto regional de conexão dos transportes mas ainda centro de comércio e convivência onde ressaltam os traços de uma cultura nordestina transplantada (Sader, 1988).

Cenesp e Berrini: marcos históricos e geográficos

O traçado entre a Avenida Brigadeiro Faria Lima e o bairro de Santo Amaro experimentou, entre as décadas de 70 e 90, tanto uma brutal valorização imobiliária quanto uma modificação significativa de sua vocação econômica e de sua paisagem arquitetônica. A região já possuía uma série de equipamentos urbanos, construídos pelo poder público, que constituíam seu potencial como futura extensão territorial das atividades de gestão do grande capital. Entre eles destacam-se as Marginais do Rio Pinheiros e o Aeroporto de Congonhas, bem como uma diversificada malha viária que desde o início do século servia de interligação entre o bairro de Santo Amaro e o centro da cidade.¹

No espaço de 20 anos formou-se o maior distrito corporativo do país (ver tabela 2, na página 26). O recorte urbano aqui denominado de “Vetor Sudoeste” refere-se à extensão da Avenida das Nações Unidas, também conhecida como Marginal Pinheiros, compreendida no trecho de 5 quilômetros entre a Avenida dos Bandeirantes e a Ponte Transamérica, na zona sudoeste da cidade de São Paulo. Neste trecho, outrora caracterizado pela presença de plantas e galpões industriais, bairros residenciais de classe média e terrenos baldios, à margem direita, e por favelas e bairros de classe média baixa, à margem esquerda do rio Pinheiros, está se formando, desde o início dos anos noventa, a região terciária mais dinâmica da América Latina. Na margem direita do rio têm sido construídos os maiores, mais caros e mais avançados empreendimentos imobiliários do país, nos quais têm se instalado corporações brasileiras e transnacionais de setores de ponta da economia contemporânea, bem como hotéis de luxo, centros de consumo sofisticado e infra-estrutura diferenciada de lazer. Na margem esquerda do rio têm se consolidado os bairros habitados por populações de baixa renda.

Os marcos históricos e territoriais do Vetor Sudoeste são o Centro Empresarial São Paulo (Cenesp), fundado em 1977, e a Avenida Eng. Luiz Carlos Berrini, construída sob uma região de várzea, por conta dos empreendimentos imobiliários ali realizados pela construtora e incorporadora Bratke e Collet. No Centro Empresarial São Paulo concentram-

¹ Cabe notar que, embora a região já contasse com uma série de equipamentos públicos, foi priorizada, no decorrer dos anos 90, em termos de novos investimentos infra-estruturais, em especial no setor de transportes, com a abertura de novas avenidas, túneis e a construção de oito novas estações de trem ao longo da Marginal Pinheiros, sob um traçado que em breve será transformado na linha 5 do Metropolitano de São Paulo.

se sedes de algumas grandes corporações, e na Berrini existem mais de 40 edifícios onde espalham-se centenas de empresas de suporte às transnacionais que vêm se instando em todo o Vetor Sudoeste. Enquanto a Berrini, situada no bairro do Brooklin, interliga-se à Avenida dos Bandeirantes e aos bairros do Itaim, Moema e Aeroporto, numa região relativamente próxima ao centro da cidade, o Centro Empresarial São Paulo localiza-se quase no outro extremo da Marginal Pinheiros, próximo ao centro de Santo Amaro e ao Jardim São Luís, bairro situado à margem esquerda do rio e porta de entrada da periferia da zona sul de São Paulo.

O bairro do Brooklin faz parte do cinturão de regiões intermediárias entre o centro da cidade de São Paulo e o antigo município de Santo Amaro, e começou a ser urbanizada ainda na década de 10, quando já havia interligação férrea entre as duas localidades. O Brooklin é, efetivamente, uma região que sofre processos de especulação e valorização imobiliária desde o início do século. O bairro, que tinha até meados dos anos 70 uso predominantemente residencial e, em menor escala, industrial, tornou-se, a partir dos anos 80, o entorno da mais marcante intervenção do capital privado sobre o traçado urbano da história da cidade de São Paulo. Já o bairro do Jardim São Luís tem sua origem no processo de periferização da cidade, compõe-se de áreas até hoje pouco valorizadas pelo mercado imobiliário e habitadas pelas populações de baixa renda, que nele difundiram o padrão tradicional de moradia popular em São Paulo, com a multiplicação de favelas e a autoconstrução de casas próprias.

Em termos arquitetônicos, o Vetor Sudoeste tem se destacado de todas as outras regiões da cidade. Os vários prédios que vem sendo erguidos na extensão da Marginal Pinheiros nos últimos anos caracterizam-se pelo estilo “pós-moderno”. As torres ali localizadas rompem com a austeridade da arquitetura modernista, onde eram valorizados as formas retas e funcionais, as cores parcimoniosas, o concreto e o vidro. Há um uso maior de diagonais, de volumes que saem do retângulo ou criam incisões nele, de elementos lúdicos, de materiais coloridos, de transparências, de sacadas e paisagismos. O andar térreo da maioria das torres possui um saguão com pé direito alto e bastante jardinagem. Trata-se de uma arquitetura que não se pretende tão racionalista quanto a modernista, dando mais espaço à subjetividade dos efeitos e ornamentos. No lugar do concreto, experimentam-se combinações entre granito e vidro, diagonais, cilindros longitudinais, alumínio, reentrâncias, originando uma simetria inusitada das formas dos prédios com a planície espelhada do rio Pinheiros e configurando um *skyline* totalmente novo no horizonte da cidade e

completamente diverso da tradicional imagem da São Paulo cinzenta dos mil prédios, que tanto caracterizou a metrópole em seu período industrial.²

Não há em todo o território nacional concentração tão expressiva de empreendimentos com padrão de construção e funcionamento tão avançados quanto no Vetor Sudoeste da capital paulista. As torres que estão sendo ali construídas incorporam toda sorte de inovações tecnológicas em termos de administração predial, segurança patrimonial e infra-estrutura de telecomunicações internacionais. Conhecidas como “prédios inteligentes”, possuem área de laje superior a 1000 m², sistema de ar-condicionado central (ACC), sistema de termo-acumulação, sistema de regulação automática da iluminação artificial interna de acordo com a luz vinda do ambiente externo e estruturas flexíveis para *upgrades* de hardware. Lotados nessas torres estão os homens e mulheres responsáveis pela face mais internacionalizada da economia brasileira.

Real Parque e Peinha: marcos da fronteira

Enquanto a margem direita do rio Pinheiros tem se notabilizado por concentrar as sedes de algumas das mais importantes corporações transnacionais do setor terciário avançado, na margem esquerda do mesmo rio situam-se duas favelas, Real Parque e Peinha, cuja fundação data dos anos 60, e cuja localização em frente ao novíssimo distrito de negócios configura uma espacialidade bastante típica das grandes metrópoles mundiais no atual período de expansão capitalista, com uma pronunciada proximidade física entre realidades sócio-econômicas extremamente díspares. São comunidades que foram poupadas do processo recente de remoção de favelas ocorrido na região sudoeste da cidade, e encravadas nos morros da margem esquerda do Pinheiros simbolizam toda uma vastidão periférica que se inicia a partir delas, em direção aos quadrantes sul e sudoeste do município, onde sucedem-se uma multiplicidade de bairros formados pelos ciclos de periferização da cidade ao longo das últimas décadas, nos quais vivem alguns milhões de indivíduos desde sempre privados de melhores condições e oportunidades de vida.

As favelas inseriram-se, em certo momento histórico, numa determinada lógica de expansão imobiliária da cidade e de barateamento, para o capital, dos custos de reprodução da força de trabalho. A maior parte delas, situadas em terrenos públicos e regiões altamente cobiçadas pela especulação imobiliária, foi paulatinamente arrancada, ao longo dos anos, do caminho por onde o grande capital faz a sua marcha em São Paulo. Não raro o poder público colocou-se ao lado do interesse privado e expulsou com violência os moradores de inúmeras favelas para as regiões mais periféricas da cidade e mesmo para outros

² A nova arquitetura paulistana - O pós-modernismo da marginal Pinheiros substitui o modernismo da Paulista - Gazeta Mercantil - 21/06/96

municípios da região metropolitana.³ Por trás da ação do Estado residiam as pressões do capital imobiliário pela desobstrução de regiões inteiras, a serem redimensionadas, valorizadas e ocupadas por outros estratos sociais e por outras funções urbanas.

A favela da Peinha encontra-se assentada sobre terrenos público e privado, num morro no Jardim Santo Antônio, emoldurada pela Marginal Pinheiros e pela avenida João Dias. Tem como vizinhos o Centro Empresarial São Paulo, a empresa Origin do Brasil e o terminal de ônibus João Dias. Sua população, estimada em 2,5 mil pessoas divididas em 446 famílias, mora em sua grande maioria em casas de alvenaria construídas no sistema de autoconstrução (85%), sendo que o restante possui barracos de madeira em áreas de risco de desabamento. A maior parte dos moradores é procedente de Minas Gerais, e há uma pequena vertente nordestina, proveniente das zonas rurais de Pernambuco, Alagoas e Bahia. A maioria dos descendentes destes migrantes já é nascida em São Paulo. A maior parte de seus moradores têm baixo grau de escolaridade e desempenha funções de pouca qualificação no mercado de trabalho. Na favela há a atuação da Associação Comunitária Monte Azul, ong que atua em duas outras comunidades da zona sul da cidade e se volta para trabalhos nas áreas de saúde e educação das populações de baixa renda.

Fundada por trabalhadores migrantes que vieram a São Paulo para a construção do Estádio do Morumbi, a favela Real Parque encontra-se assentada em terreno público sobre um morro do subdistrito de mesmo nome, entre os bairros do Morumbi e do Brooklin, que são separados pela calha do rio Pinheiros. Tem como vizinhos um terreno de propriedade da Eletropaulo, e diversos condomínios residenciais de alto padrão, situados no subdistrito vizinho de Paineiras do Morumbi. Sua população foi estimada, em 1994, em 7,5 mil pessoas. A maior parte de seus habitantes também mora em casas de alvenaria construídas no sistema de autoconstrução, embora ainda existam diversos barracos construídos com material precário, como madeira e papelão, e grande parte das moradias está situada em área de risco de desabamento. A maior parte dos moradores é formada por migrantes mineiros e nordestinos e seus descendentes, a maioria já nascida em São Paulo. O nível educacional e o padrão de qualificação profissional de seus moradores é bastante semelhante ao dos moradores da favela da Peinha.

³ Ver a esse respeito o trabalho de Mariana Fix, supracitado, a respeito da remoção recente do conjunto de favelas situadas no entorno do que é, atualmente, a Avenida das Águas Espraiadas, levada a cabo por iniciativa da Prefeitura Municipal de São Paulo, gestão 1992-1996.

O Vetor Sudoeste, pelos seus atores

“O que o senhor vai querer perguntar para um homem pobre, analfabeto e feio como eu?”
Sr. Valdomiro, morador da Favela Real Parque

Na era do capitalismo mundializado, de predominância financeira e transnacional, centenas de milhares de executivos ao redor do mundo, através de seu trabalho cotidiano, têm sido feito isso que chamamos de globalização. Na cidade de São Paulo a maior concentração destes profissionais está ocorrendo na região sudoeste.

Trabalhadores de alta qualificação, os gestores das corporações transnacionais lidam com uma rotina de trabalho dominada por fluxos imateriais de capital. Estão envolvidos em atividades tão diversas como finanças, desenvolvimento de software, auditoria e consultoria empresarial, negócios jurídicos, mídia, publicidade, engenharia, arquitetura, administração da produção, etc. Lidam com bens e serviços de produção e circulação mundial. Têm a sua disposição vasta gama de informações, variáveis e condicionantes para que realizem tomadas de decisões. Destacam-se aqueles que fazem uso destas ferramentas com mais inteligência e criatividade. É de se supor que, para tanto, possuam habilidades em compreender e apreender novos conceitos e adaptar-se a novas situações, e que estejam, por esta razão, localizando-se no topo da pirâmide salarial.

O perfil educacional e sócio-econômico que está se formando no interior das corporações presentes no Vetor Sudoeste e nas atividades de suporte a elas é significativamente diverso da média do restante da metrópole. O nível educacional dos funcionários nelas empregados é bastante elevado, se comparado ao mercado de trabalho paulistano e brasileiro.⁴

“O nível educacional dos nossos funcionários está dentro de uma média comparada às outras empresas de tecnologia. Mas no caso da Oracle, eu acho que 90 a 95% das pessoas são graduadas; o nível é muito alto nesse aspecto, porque a operação precisa de pessoas com esse perfil. Existe também um número muito grande de pessoas pós-graduadas. Em todas as funções gerenciais para cima nem entra se não tiver graduação. Isso é pré-requisito.”

(Érica Ramos, Gerente de Comunicações da Oracle)

Outra característica marcante do perfil educacional dos funcionários das corporações transnacionais que se instalam no Vetor Sudoeste da cidade é o conhecimento avançado de

⁴ Segundo a Pesquisa Emprego e Desemprego do convênio Seade / Dieese, era a seguinte a distribuição dos ocupados no município de São Paulo segundo a escolaridade, no ano de 1997: 3,7% de analfabetos, 39,3% de indivíduos com o 1º grau incompleto, 18,1% dos indivíduos com o 2º grau incompleto, 22,6% de indivíduos com o 3º grau incompleto e 16,3% com o 3º grau

pelo menos uma língua estrangeira, preferencialmente a inglesa, considerada ferramenta corriqueira para as rotinas de trabalho.

“O funcionário do ABN é jovem, de 20 a 29 anos, 90% é graduado, alguns são pós-graduados. Aqui na Matriz, como são pessoas com cargos mais elevados, isso muda um pouco o perfil sócio-econômico, que é mais alto. Pelo fato de o banco ser internacional, a maioria das pessoas que trabalham aqui tem pelo menos mais um idioma, que é o inglês, e em alguns casos, é desejável o espanhol. Isso muda muito o perfil das pessoas que trabalham aqui, pois quando você vai selecionar o funcionário você leva em conta os idiomas...nem todos aqui, desde o boy até o presidente do banco, estão nesse nível. Mas pelo fato de termos mais cargos gerenciais do que operacionais aqui, o nível é mais elevado. E com relação ao perfil dos trabalhadores da região, talvez seja possível afirmar que haja semelhanças, pois não há fábricas nos arredores, e a vocação das empresas aqui é praticamente a mesma.”

(Ruth Sampaio, Gerente de Recursos Humanos do ABN Amro Bank)

Os níveis de remuneração destes trabalhadores e seus efeitos em termos de poder aquisitivo são proporcionais tanto às responsabilidades que acumulam na gestão de grandes operações quanto à exigência crescente que as empresas têm feito em termos de qualificação.

“Eu diria que também noventa e tantos por cento das pessoas têm carro, têm apartamento, têm telefone. Se fizemos uma pesquisa de poder aquisitivo, desse tipo de coisa, de aquisição de bens materiais, eu acho que a média é muito elevada. Todo mundo faz viagem internacional, todo mundo fala uma segunda língua. O nível é muito alto.”

(Érica Ramos, Gerente de Comunicações da Oracle)

“Nós temos um salário médio da ordem de 4,5 mil dólares mensais; eu diria que é um perfil acima da média, tanto para o mercado bancário quanto para o mercado em geral.”

(Carlos Alberto Miranda, Vice-Presidente do Chase Manhattan Bank)

Desenvolve-se entre os funcionários das empresas da região sudoeste uma identidade corporativa, que não apenas atravessa as distinções nacionais e culturais mas parece inclusive ser mais forte do que elas.

“O funcionário nosso tem acesso às tecnologias de ponta no que diz respeito à informática, que são suportes, ferramentas, e no que diz respeito a produtos e serviços internacionais. Nós comercializamos produtos e serviços internacionais. Todos nós temos acesso a isso, ou por estarmos trabalhando com esses produtos e serviços, ou através de treinamentos específicos sobre determinados produtos que estão disponíveis. Nós temos um sistema de e-mail que nós falamos com o mundo inteiro em real time. Todo mundo que é Chase people, Chase mundo, a gente fala.”

(Carlos Alberto Miranda, Vice-Presidente do Chase Manhattan Bank)

As rotinas cotidianas de trabalho nos escritórios é concebida a partir da operação global das corporações, a qual pressupõe um intenso contato entre profissionais oriundos dos mais diversos países, conforme mostram os depoimentos a seguir.

completo. Não havia na pesquisa dados sobre pós-graduados, mas é possível pressupor que

“Eu mais uma vez acho que as empresas de tecnologia têm muito desse perfil, mas mais uma vez a Oracle também se destaca nisso. Gerência para cima todo mundo faz pelo menos uma viagem a trabalho por ano. É essa coisa da integração, da interação com a operação mundial. A Oracle teve um processo forte de globalização há três ou quatro anos atrás. Hoje se você trabalha na área de suporte técnico e tem uma reunião da área de suporte técnico em Orlando, ou em San Francisco, ou onde quer que seja, se você tem aqui uma função específica que requer que você vá para lá, você vai com muita facilidade. Então, viagens internacionais para reuniões, para encontros, para eventos, isso é muito comum. A gente tem todo tipo de conexão, de comunicação para fora, através de internet, intranet, linha especial, linha dedicada, conexões de todo tipo, videoconferência, a gente tem equipamento para conference call, a gente tem todos os recursos para se comunicar com o mundo...para nós é muito simples. E não podia ser diferente, a Oracle é uma empresa de tecnologia.”

(Érica Ramos, Gerente de Comunicações da Oracle)

“Temos um ambiente de trabalho moderno, fortemente informatizado, ligado em rede, nacional e internacionalmente. O contato com o mundo, viagens e contatos com estrangeiros são freqüentes. Há muito intercâmbio eletrônico de informações com as demais Andersens do mundo.”

(Mark Nielsen, Diretor de Recursos Humanos da Andersen Consulting)

“Temos aqui na região um escritório do banco para a América Latina e Caribe. As pessoas que trabalham lá ficam muito mais fora do país do que aqui. E ali circulam muitas pessoas de vários países todos os dias. Os contatos com o exterior são diários, daí o porque da necessidade da língua. O contato é intenso, e o banco não sobreviveria sem ele.”

(Ruth Sampaio, Gerente de Recursos Humanos do ABN Amro Bank)

Embora haja cotidianamente um contato tão pronunciado com pessoas originárias de várias regiões do mundo, cuja circulação na região sudoeste da cidade de São Paulo é cada vez maior, parece ser pouco comum aos profissionais que ali trabalham uma aproximação com outros grupos sociais que lhes sejam geograficamente próximos. O diálogo com a executiva da Oracle deixa transparecer o gradual distanciamento que está ocorrendo entre os estratos do mercado de trabalho alocados nas grandes corporações e o restante da cidade, e em especial com os demais contingentes presentes na sua porção sudoeste.

P: Tem uma vida pública na rua, as pessoas andam na rua ou ficam no escritório o tempo todo? As pessoas interagem, vêem pessoas de outros níveis?

R: Acho que pouco. Acho que aqui lembra um pouco o jeitão americano mesmo: grandes empresas, com grandes pátios de estacionamento, as pessoas entram e passam os seus dias inteiros aqui. Eu diria que você gasta alguns minutos indo almoçar, nada mais que isso. Não é como uma avenida Paulista, onde se tem um ambiente externo grande, diversificado...aqui não. Mas quando você anda, é um perfil muito alto. Todo mundo tem o mesmo perfil. É outro universo. Eu até como estou aqui há muito tempo, eu estranho, você tem que andar em outro lugar, como na Paulista, eu me sinto totalmente desconfortável. Porque aqui é um perfil único mesmo.

Carlos Alberto Miranda, Vice-Presidente do Chase, dá a mesma pista:

“Sim, tem um pouco isso de sair na rua, mas é uma coisa pequena. O cara anda 150, 200 metros, e volta.”

sejam uma proporção bastante diminuta do mercado de trabalho.

Há problemas infra-estruturais na região que, se não impedem, dificultam em muito o uso do passeio público pelos executivos que ali trabalham. Não houve, ao longo do tempo, a criação de uma infra-estrutura urbana minimamente agradável para um uso da via pública que não o dos automóveis. “A praça, enquanto lugar público em que se enfrentam formas de sociabilidade antagônicas, é o cenário de exorcização das diferenças sociais por meio do sentimento comunitário, portanto, palco privilegiado para a exibição dos conflitos e seu enfrentamento através da palavra, dos gestos e posturas corporais. Ao esvaziamento da praça corresponderá um silêncio das vozes.”⁵

“Existe um pouco de trottoir, mas é pouco, porque o espaço é completamente inadequado para isso. As calçadas e as ruas não foram projetadas para esse tipo de coisa. As poucas praças que existem por aqui são anteriores ao desenvolvimento da região e não foram pensadas para essa função. As ruas não têm tamanho para comportar o número de carros que afluem para a região e o caos no trânsito é enorme aqui.”
(João Marcelo R Saraiva, Consultor da Watson Wyatt)

Além das dificuldades práticas para o uso do espaço público, aflora nos depoimentos dos executivos a questão da criminalidade, permeada pela visão que associa a rua à violência.

“Esta é uma região relativamente tranqüila. Aqui é curioso que você não tem talvez aquele movimento típico da avenida Paulista, os pequenos roubos, os assaltos, porque lá é um número muito maior de pessoas, porque o perfil é mais diversificado...mas aqui você tem grandes roubos, grandes assaltos em que matam pessoas na porta do Carrefour, ou assaltos a banco ali na esquina, em que matam dois vigias no carro forte. Você tem um outro tipo de violência. Não é aquela violência típica do roubo da carteira, mas são coisas mais pesadas. Aqui a gente fica sabendo de grandes coisas. É engraçado, aqui, quando a gente fica sabendo, são grandes assaltos, ação de quadrilhas. Eu acho que até em função do perfil que tem nessa região. O perfil de assalto é outro. Eu já presenciei vários. Vem helicópteros. A questão da segurança aqui não vai para o cidadão comum, mas para a própria segurança das empresas.”
(Ruth Sampaio, Gerente de Recursos Humanos do ABN Amro Bank)

Circundados por uma realidade social na qual a violência adquire características quase epidêmicas, a tendência é que os funcionários corporativos, tomados por uma sensação de que estão sendo sitiados pelo ambiente externo, se fechem cada vez mais dentro de suas torres de escritórios.

“Aqui é um lugar tranqüilo. Aqui é bem mais seguro do que a Paulista. Agora, se você sobe mais 1000 metros e esbarra na avenida Santo Amaro, você passa a ter todos esses tipos de problemas. O corredor de trânsito e o fluxo de pessoas aqui ainda não suscitou esse tipo de violência, mas eu acredito que isso vai ser uma questão de tempo. A região vai passar a ser alvo deste tipo de ocorrência, naturalmente. A violência é gerada por um desnível econômico e social muito forte. Essas pessoas que estão fazendo a violência

⁵ Andrade, Carlos Roberto M – “Confinamento e deriva: sobre o eclipse do lugar público na cidade moderna” in Souza, Célia F & Pesavento, Sandra J (orgs.) – *Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano* – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997

estão tentando sobreviver de alguma forma, ganhar o dinheiro delas de alguma forma, e na hora que a coisa começa a ficar mais difícil de se fazer isso lá na Paulista, ou na avenida Santo Amaro, eles vão ver o que é mais fácil. Mas vai ser na rua isso, não dentro do prédio, vai ser no passeio público.”

(Carlos Alberto Miranda, Vice-Presidente do Chase Manhattan Bank)

Enquanto em alguns depoimentos se reconhece a desigualdade social e econômica acentuada que caracteriza a realidade brasileira, outras falas parecem reduzir toda a questão da proximidade física de indivíduos tão distintos entre si como uma questão praticamente naturalizada, a qual pode ser evitada com o reforço dos aparatos de segurança.

“Não vemos nenhum problema. Nós nunca tivemos nenhum problema aqui. Temos uma equipe e um sistema de segurança muito eficazes. Essa é uma questão social, com a qual temos de conviver. Essa realidade não nos prejudica de forma alguma.”

(Gabriela Andrade, Gerente de Marketing do World Trade Center)

Atravessa também os depoimentos dos funcionários corporativos certa desesperança em relação à mudança deste estado de coisas, desta disparidade aguda que é vista e reconhecida, ainda que a experiência cotidiana destas pessoas esteja cada vez mais influenciada pelas condicionantes globais. As falas dos executivos das transnacionais não exprimem propriamente um desprezo em relação aos mais pobres que moram em favelas ao alcance de seus olhos através das janelas dos escritórios em que trabalham. Numa cidade como São Paulo não se pode deixar de perceber a pobreza. Mas as falas denotam certa descrença em relação à solução do problema, à superação de uma característica tão forte da nossa conformação social. Talvez denotem até mesmo uma certa indiferença. O executivo da Birmann, uma das maiores incorporadoras de prédios de escritórios da região, utiliza a metáfora do conquistador inglês na Índia, imortalizada em filmes clássicos, para fazer referência não propriamente à pretensa (e discutível) missão civilizatória dos colonizadores britânicos no Oriente, mas sim para aludir à extrema disparidade de condições sócio-econômicas entre uma elite reduzida cercada de pobreza por todos os lados, tão visível nas telas de cinema quanto nas ruas de São Paulo.

“Nós que vivemos em São Paulo vivemos dessa maneira. Nós somos mais ou menos como o conquistador inglês que vivia na Índia. Esse é o nosso presente. E não há nada que diga que essa situação vá mudar no futuro. Isso deve se aprofundar. Há um mecanismo que traz esse pessoal mais pobre para um nível de consumo mais aceitável. Mas a dinâmica contrária é muito maior. Não há nada nos três níveis de governo ou da iniciativa privada, em termos de iniciativas, que apontem para a mudança dessa situação.”

(Ricardo Pinheiro, Diretor de Projetos da Birmann)

Diante do insulamento dos funcionários corporativos nas torres de escritórios e do aumento da criminalidade violenta que é atribuída à proximidade espacial de grupos sócio-econômicos tão diversos, especula-se que o capital possa, uma vez mais, reproduzir seu

padrão de crescimento territorial na cidade e eventualmente expulsar para regiões longínquas as populações pobres que ainda habitam as proximidades das sedes das corporações. Talvez possa mais do que expulsar. Possa mandar estas populações para “mais longe”.

“Eu tenho medo que essas pessoas excluídas sejam ainda expulsas para lugares mais longínquos. Veja o exemplo da Águas Espraiadas. Tiveram poder de tirar aquelas pessoas de lá e tiraram. Não acho que os pobres possam ter poder de invadir nossa região, mas que nós tenhamos poder de invadir, crescer e jogar essas populações ainda mais para longe. E eu não sei onde é esse mais longe.”

(Ruth Sampaio, Gerente de Recursos Humanos do ABN Amro Bank)

Do receio à indiferença, e da indiferença à barbárie, pode ser um passo. Como bem diz Viviane Forrester em *O Horror Econômico*, “já não ignoramos, não podemos ignorar que ao horror nada é impossível, que não há limites para as decisões humanas. Da exploração à exclusão, da exclusão à eliminação, ou até mesmo a algumas inéditas explorações desastrosas, será que essa seqüência é impensável?” (Forrester, 1997) Talvez aí resida o caráter de funcionalidade da tragédia humana que tem atingido tão fortemente a outra margem do rio.⁶

“Você está vendo como os jovens estão se acabando? Sempre, sempre nós vai em velório. Velório de pessoas amigas que moram por aqui. A gente que ainda não morreu ainda vai no velório dos outros. Eu não sei se você pensa como eu penso, ou se você vê o que eu vejo, mas faz dó, rapaz. A gente vai no velório de alguém, no enterro de alguém, de cada vinte pessoas que são sepultadas por dia, de cada vinte, quinze é jovem. E isso é todos os dias, uma rotina, todos os dias.”

(Valdomiro Lima da Silva, Morador da Favela Real Parque)

Valdomiro, assim como inúmeros outros moradores das favelas Real Parque e Peinha, é um migrante, que instalou-se em São Paulo entre fins dos anos 60 e início dos 70. Traz em sua fala um tom amargo, que muitas vezes não é corroborado por outros indivíduos que vieram para a metrópole na mesma situação que ele, ainda que a trajetória de vida da população migrante na metrópole tenha sempre sido permeada por inúmeras dificuldades.

“Eu sou, como diz, muito feliz em São Paulo. Mas também tenho muitas guerra que eu já passei. São Paulo é um lugar muito bom, lugar de pessoa que sabendo levar a vida, ela vive. Mas sobre a violência, também é demais. A gente pensa que tem justiça, mas não tem justiça. (...) Tem violência, você vê aí, essa mortandade. Eu mesma perdi um filho, meu filho não era bandido, nem marginal, menino trabalhador, menino honesto. Morreu com 25

⁶ Segundo o Mapa da Exclusão Social, elaborado pela PUC em 1995 e publicado em 26/11 daquele ano pela Folha de São Paulo, eram as seguintes as taxas de homicídios, para cada 100 mil habitantes, entre a população de 15 a 24 anos, em 5 distritos da periferia sul da cidade de São Paulo, no ano de 1994: Jardim Ângela, 222,12; Jardim São Luís, 197,49; Grajaú, 197,11; Capão Redondo, 180,64; Campo Limpo, 157,60. A taxa média de homicídios na cidade de São Paulo no mesmo ano era de 102,58 para cada 100 mil habitantes. O Jardim Ângela e o Jardim São Luís, contíguos ao Vetor Sudoeste, ocupavam a primeira e a segunda posições, respectivamente, como os dois distritos mais violentos da cidade.

anos, não teve nenhuma sujeira em computador nenhum. Perdi uma filha com 28 anos. Agora tá fazendo nove meses que mataram um neto meu com 19 anos. Ele era segurança aqui do prédio. Então eu sou uma pessoa muito revoltada. Mas só que eu fiz muitos amigos aqui, que me ajudou, como esse meu marido Antônio. São Paulo foi ótima, graças a Deus.”
(D. Maria do Socorro Pereira, moradora da Favela da Peinha)

Na maioria das vezes relegados a uma condição menor pelo poder público, foi na sociabilidade desenvolvida entre iguais, em relações de ajuda mútua, que as populações pobres de São Paulo criaram noções de pertencimento no espaço metropolitano e deram sentidos às suas vidas. Conseguiram trabalho, constituíram família e conquistaram um lugar no mundo.

“São Paulo toda vida pra mim foi boa. Tem mais vantagens do que a própria minha terra. Porque se a minha terra fosse boa eu tava lá. A minha terra é muito difícil, muito escassa as coisas.”
(D. Luíza dos Santos, moradora da Favela Real Parque)

É importante notar que a experiência de vida em São Paulo foi boa, como diz Luíza, ou ótima, como quer, apesar de tudo, Maria do Socorro. Mas é colocada no passado. De fato, para os migrantes, São Paulo foi boa porque na metrópole eles puderam, segundo sua ótica, experimentar algum grau de mobilidade social, ter acesso a bens e oportunidades com as quais seus antepassados jamais puderam sonhar e quem sabe, até mesmo vencer na vida. Que se retenha a idéia de que São Paulo foi boa para os estratos populares que para ela migraram e nela se estabeleceram, conquistando aí o seu lugar. Será que ainda continuaria a sê-lo?

“Quando a gente chegou aqui, tinha muito emprego. Mas de três anos pra cá São Paulo fracassou. Quando nós viemos pra cá tinha emprego demais da conta. Só não trabalhava quem não quisesse trabalhar. Vinham buscar o pessoal em casa pra trabalhar. Agora é que tá desse jeito aí. Nós já vimos o que passamos na vida nossa. Agora, essa criançada que está aí agora, se Deus não por a mão pra ver, como é que vai ser essa criançada, essa rapaziada nova, como é que vai ser? Não pode comer porque não tem serviço mais? Não pode ninguém trabalhar então?”
(Sr. Antônio, morador da Favela da Peinha)

Parece estar em vias de extinção a civilização do trabalho, fundada nas relações contratuais decorrentes de décadas de luta das classes trabalhadoras em todo o mundo, cuja maior característica era o potencial para integrar milhões de indivíduos.

“Olha, pensando bem, eu não sei nem como analisar. Eu não sei nem o que falar. Eu não sei nem entender como a maioria do povo vive. Tem pessoas aqui que é trabalhador mesmo. Mulheres e homens, são trabalhador mesmo. Mas não tem aonde trabalhar, não consegue trabalhar. E tá vivendo. Agora, como, meu amigo, eu não sei. O campo de serviço, a faixa de emprego, a oportunidade para viver com o suor do próprio rosto, ninguém tá dando pra ninguém. A gente tá vivendo pela misericórdia de Deus”
(Valdomiro, morador da Favela Real Parque)

Está em curso um processo de alterações profundas na existência material e na subjetividade dos pobres. Os estratos sociais menos privilegiados são os mais atingidos pela dinâmica econômica que assola uma metrópole como São Paulo, e vivem hoje um sentimento de desilusão diante da distância que se aprofunda entre os anúncios e as possibilidades oferecidas pela cidade. Se a industrialização dos anos 50 em diante significou a chance, para milhões de brasileiros, de melhorar de vida através da migração para a metrópole e bem ou mal, a integração num universo material e simbólico marcado pelas idéias de crescimento, progresso e oportunidades para todos, os desdobramentos sócio-econômicos que se abatem sobre a maior cidade do país só podem significar, neste momento, um sentimento de desencanto, de decepção, de traição. Nas palavras de Valdomiro:

“No sentido de favorecer a vida do pobre, do trabalhador, a coisa complicou. Então, quer que eu diga como tá São Paulo agora? Agora? Uma droga. Todo mundo inseguro, meu irmão. Vive todo mundo inseguro. Agora não tem mais em quem acreditar. Não se sabe se acredita em governo...os governos atuais, prefeitos atuais, até mesmo na polícia. Como acreditar? Não tem mais como acreditar. Então para mim está uma droga. Piorou. Recursos? Recursos para o pobre viver aqui? Aqui no sul do país, na grande cidade brasileira, tem mais pobre do que nas cidades mais pobres do Nordeste. No Nordeste o cara ganha dois reais por dia, três reais, mas sobrevive. Aqui as vezes o cara consegue ganhar vinte reais, mas ele é obrigado a gastar trinta com as explorações, de farmácia, de mercado, tudo. Aqui se paga pra tudo. Então não tem como. Não se vê o lado dos pobres. Muitos nordestinos, muitos da gente está aqui de teimoso, porque não pode voltar para as suas terras. Desfez o que tinha lá, confiando em São Paulo, confiando no sul do país, confiando nos governos de São Paulo, deixando o que tinha lá...ou as vezes os mais ricos tomaram dos mais pobres o que eles tinham lá. Veio parar aqui, o pobre veio parar aqui. Agora tá lascado, porque agora nem aqui, nem lá.”
(Valdomiro, morador da Favela Real Parque)

Após anos enfrentando as dificuldades de integração a uma realidade completamente nova, pela qual tiveram de deixar para trás boa parte das referências que balizavam suas condutas, e adquirir novas habilidades e tecer novas relações para incorporar-se à vida metropolitana, os estratos mais pobres presentes na cidade, em especial os migrantes, sofrem as conseqüências do desmanche da principal medida de formação de uma teia de relações sociais e um sentido de integração: o desmanche do trabalho. O desemprego que se abate sobre os contingentes de migrantes que há décadas mudaram-se para São Paulo, e na cidade puderam estabelecer uma existência social relativamente sólida, embora permeada de dificuldades desde sempre, provoca perplexidade entre os indivíduos por ele afetados, pervertendo o sentido que estes davam às suas trajetórias de vida. Em uma frase, a crise que se instala hoje sobre as populações pauperizadas põe em cheque o lugar que estas populações ocupam no mundo. Está em crise, entre estes indivíduos, a noção de lugar no mundo.

Desmobilizados politicamente, mesmo vivendo na periferia da zona sul de São Paulo, uma das regiões mais efervescentes, nos anos de ditadura militar e abertura política em termos de mobilização política popular, os moradores das favelas Peinha e Real Parque encontram-se inclusive impossibilitados, por conta da falta de renda oriunda do desemprego, de transitar pelo espaço urbano mais amplo. É comum nos dias de hoje se encontrar dezenas ou centenas de adultos, em dias úteis ou não, ociosos dentro de seus barracos. A cidade transforma sua vocação econômica e sua paisagem, e tudo o que os favelados conseguem exprimir é estranhamento diante do que vêem.

“Eu saio pouco daqui. Saio pouco. Mas as vezes eu tenho que resolver umas coisinhas minhas, lá no centro, e então eu vou. Teve uma época, uns tempos atrás, eu passei três meses sem ir à cidade. Aí eu peguei um ônibus pra ir lá no centro e eu fui lá no centro. Nós aqui nós pega essa avenida Santo Amaro quase toda. Ó, rapaz, faz dó, viu? Porque eu conheci no decorrer dessa avenida Santo Amaro, tanto de um lado como do outro, direita e esquerda, cheio de lojinhas, fabriquinhas, bares, que há cinco, seis, oito, dez anos atrás, funcionavam bonitinho, todo mundo fazia seus movimentos. Hoje em dia você anda lá, tá tudo fechado. Fechado. As portas tudo fechadas. Pichadas. A placa “aluga-se”, “aluga-se”, “vende-se”. E ninguém se arrisca a alugar nada. É movimento zero.”
(Valdomiro, morador da Favela Real Parque)

Como afirma Kevin Lynch, a cidade é o suporte material da memória (Lynch, 1960). Mas Valdomiro já não consegue reconhecer no espaço construído da cidade a cidade que conheceu há anos atrás. Busca resgatar os signos de um tempo em que a metrópole dava chances a todos, ou a quase todos, através da efervescência das atividades econômicas, tanto as mais complexas como e principalmente as mais simples, como as lojinhas e fabriquinhas que funcionavam “direitinho”, conferindo vigor e movimento à cidade, abrindo oportunidades e integrando indivíduos. Ele se utiliza dos fragmentos da lembrança de outros tempos e tenta ressignificar a realidade urbana, ressaltando a infinidade de placas de aluguel e venda de imóveis que viu pela avenida Santo Amaro, e arrematando com a metáfora tão comum a trabalhadores como ele: “é movimento zero”.

Possivelmente pelo fato de constituírem realidade ainda nova, os prédios do outro lado da Marginal são vistos mas talvez não estejam sendo percebidos pelos moradores das favelas. Não são reconhecidos, não são identificados, não são capturados por elaborações mentais que possam lhe atribuir gama muito variada de significados, pelo menos até agora. A única percepção mais consolidada é aquela imediata, que aponta para hierarquização do espaço urbano. O diálogo com Valdomiro, morador da Favela Real Parque, ilustra a sensação de estranhamento diante da nova cidade que está se construindo bem em frente à sua janela. Na impossibilidade de fazer uso de referências novas para compreender o que significa sua nova vizinhança, Valdomiro lança mão da explicação da exploração da força de trabalho empregada na construção das torres para dar significação ao que vê.

P: A cidade está mudando muito. Muitas fábricas foram embora, existe muito desemprego, muitos prédios de escritórios estão chegando...por exemplo, aqui na nossa frente tem todos esses prédios, o que será que a gente pode esperar disso?

R: Eu acho que para o pobre, para a classe do médio ao pobre, quanto mais cresce a cidade, quanto mais se embeleza a cidade, quanto mais pintam os prédios, é mais miséria pra gente. Mais miséria para o pobre. Porque pra fazer um prédio desse, eu sei, eu que sou carpinteiro, eu sei o que é a construção civil porque eu sou carpinteiro, eu ajudei a construir muitos prédios aqui dentro da favela, enfim, que hoje tá ai. Pra fazer um prédio desses, se os donos quiser, eles faz dentro de um ano, um prédio de vinte, vinte e cinco, trinta andares. A covardia está tanta, a lei está tão fajuta, tem empresário ai que faz um prédio de trinta andares dentro de um ano com os trabalhadores tudo clandestinos. Tudo clandestino. Com um ano o prédio está pronto. Ninguém recebeu direito trabalhista, a miséria do trabalhador continua e os empresários é quem tá beneficiado. Só.

D. Luíza, por sua vez, vê na construção das torres uma séria ameaça à permanência das populações de baixa renda nos entornos da Marginal. Talvez a experiência traumática de ter presenciado a retirada das favelas que haviam sob o leito do córrego Águas Espriadas, localizadas ao lado do que hoje são o Centro Empresarial Nações Unidas e a sede da Rede Globo, seja o motivo mais forte a constituir qualquer significação, aos olhos de D. Luíza, para a vizinhança opulenta que se instala também diante da janela de sua casa.

“Isso tudo ai era terreno vazio e favela. Isso dá um pouco de medo, porque o pessoal já fica acismado com os prédios, né? Porque o rico pra tirar o pobre é daqui pra ali. Então eles vai apertando com os prédios, né, e pra onde vai os pobres?”
(D. Luíza dos Santos, moradora da Favela Real Parque)

Em determinados trechos da Marginal Pinheiros a imagem de grandes prédios envidraçados não dialoga com o restante do ambiente construído, como no caso do edifício sede da Microsoft, localizado numa região ainda pouco verticalizada, ao lado da Ponte João Dias e de frente para a Favela da Peinha. Há um isolamento concreto entre o prédio e seu entorno que provoca um choque visual entre a torre e o restante do que pode ser captado pelo ângulo visual. Em outros trechos da avenida, notadamente na Chácara Santo Antônio e na região da Berrini, já bem mais edificadas, as torres se perfilam em número significativo, constituindo propriamente a imagem de uma outra cidade, encravada dentro da cidade. As combinações inusitadas entre as formas e os materiais que compõem a estética destes prédios parecem fazer uma permanente homenagem a si mesmas, demarcando uma ruptura com o tempo histórico e com o espaço geográfico, ignorando tanto entorno construído quanto a dinâmica social exterior e isolando os prédios e seus freqüentadores em si mesmos, através das paredes de vidro externas, que tão bem refletem o leito do Pinheiros como espelham quem tenta invadi-las com o olhar.⁷

⁷ Penso aqui nas torres da Marginal Pinheiros em oposição à idéia das casas de vidro de que nos fala Benjamin. Para tanto, ver Benjamin, Walter – “Experiência e Pobreza” – in Benjamin, Walter –

Ao contrário da São Paulo dos mil prédios, dum Copan ou de um Itália, por exemplo, que com suas dimensões generosas pareciam querer dizer para a cidade o quão capazes éramos em ser a locomotiva do país, a capital do progresso, a cidade que não podia parar, as novíssimas torres de escritórios do Vetor Sudoeste parecem querer exprimir, através da linguagem de suas formas, o quão diferentes são do restante da cidade. Ao contrário da estética portentosa representada na verticalidade fálica do mar de prédios, que caracterizava e tanto orgulhava a metrópole nos anos 60 e 70, e que afinal possuía uma função integradora da imagem da cidade, a parede de torres que se forma à margem direita do Pinheiros dá ares de não querer estabelecer diálogo com o restante do espaço urbano. Não têm a pretensão de ser orgulho para ninguém (a não ser para seus incorporadores, construtores e proprietários, obviamente), e tampouco de juntarem-se aos milhares. Com efeito, uma única torre, como no caso da localizada ao lado da Ponte João Dias, já é suficiente para demarcar as distinções em relação às cercanias.

Daí talvez a dificuldade manifestada pelos moradores do outro lado do rio em compreender aquilo que se modifica tão rapidamente bem diante dos seus olhos. A estética que o horizonte da cidade adquire pode ser tão incompreensível quanto as transformações do modo de acumulação que tem se processado, neste mesmo espaço urbano, nos últimos anos. Para Valdomiro, os prédios significam maior grau de exploração da mão-de-obra barata, farta como nunca na cidade. Para D. Luíza, podem representar a expulsão física da população pobre da região para locais ignorados, desfazendo suas teias de sociabilidade e desmantelando seus meios de ganhar a vida. O desenvolvimento recente dos circuitos de valorização do capital na cidade, todavia, podem indicar uma terceira opção, possivelmente pior do que as manifestadas por Valdomiro e Luíza: a negação do acesso destas populações à economia formal e aos direitos da cidadania. Não propriamente o aprofundamento da exploração a que estiveram submetidos durante anos, e que foi funcional em determinado momento do desenvolvimento econômico da cidade e do país, e tampouco a expulsão para rincões periféricos, dada a própria lógica da urbanização de favelas levada a cabo em São Paulo desde 1992 (Projeto Cingapura). Mas sim a morte civil destes contingentes, desprezados pelo capital e servindo, na avenida de maior circulação da metrópole, apenas como moldura visual de uma cidade supostamente harmônica.

Expectativas para o futuro

As investidas que o grande capital, associado a uma certa concepção histórica de intervenção do Estado sobre o espaço público, tem feito podem ser as causas do aprofundamento das diferenças econômicas e distâncias materiais e simbólicas entre os vários contingentes sociais presentes na cidade, e especialmente na sua porção sudoeste. O acirramento das desigualdades, a explosão da violência, a queda brutal de qualidade de vida, presentes em todo o tecido urbano, e atingindo inclusive os grupos sociais de maior poder aquisitivo, são fatores apontados como resultantes da lógica que preside tanto a dinâmica econômica atual, quanto o modo de se construir a cidade e a própria postura dos estratos que evitam ou mesmo abandonam a intermediação pública para a resolução dos conflitos.

“Acho que as pessoas ou os poderes que estão construindo esse mundo bem moderno aqui na frente deixa de lado a vizinhança, de não ter contato, acho que eles vão sair perdendo. O que mudou em São Paulo é que nem para rico São Paulo é hoje uma cidade mais tranqüila. Antigamente acho que era. Nem segurança vai conseguir manter quando esses mundos ficam tão distantes. Acho que um dia vai ter conflito. “
(Rudolf, da Associação Comunitária Monte Azul)

“Vejo com pesar o destino que São Paulo está tomando. Se de um lado São Paulo é uma cidade de diferenças que já abrigou raças e credos diversos, e por causa disso cresceu e se enriqueceu como metrópole, por essa própria razão pode estar se acabando. Isto porque acho que São Paulo sente direta e intensamente o acirramento de todas as diferenças sócio-econômico-culturais existentes no país. E isto faz com que a distância entre as pessoas de cada classe ou realidade cada vez aumente, com globalização versus marginalização, tornando muito difícil a convivência pacífica. Conflituosidade e indiferença já são características presentes, mas podem ser mitigadas pelas iniciativas já existentes que visam promover maior cooperação e aproximação, defesa de direitos e de qualidade de vida, com movimentos de bairro, de cidadania... é rezar e esperar!...”
(Patrícia Carvalho, Senior Marketing Assistant do BEAL)

Diante do desmanche material e simbólico em curso, que tem na polarização sócio-espacial da maior cidade do país sua dimensão concreta, Valdomiro, morador da Favela Real Parque, revela seu sonho:

P: Seu Valdomiro, o senhor tem algum sonho de vida, que o senhor espera, o que o senhor espera pra daqui a dez anos, pra vida do senhor e pra vida do pessoal aqui?

R: Em primeiro lugar, eu queria que mudassem as leis do nosso país. Que nós tivéssemos governos, autoridades mais sérias, que tivessem mais respeito com a nação. Que cumprissem o que eles prometem. Que chegasse ao conhecimento deles a necessidade de cada um brasileiro, de cada pai de família, de cada mãe de família, e da juventude, que eles dizem e sabem que é o progresso do país. Essa juventude aí, ela é uma horta. Mas o dono tem que zelar da horta. Se não zelar a lagarta vai lá e come tudo. Acaba. E quem é o dono dessa horta? Não é as autoridades? Não é o senhor presidente, não é os senhores governo, não é os senhores juizes? Não é esse povo? Então eles têm que cuidar da horta, porque senão o caruncho come. E o que é o caruncho? O que é o inseto que tá querendo devorar a horta? É a falta de cultura, que os jovens não vão ter...do jeito que vai, não vão ter; hoje em

dia quem tem a oitava série, simplesmente a oitava série, é um analfabeto, é considerado ainda um analfabeto. Não é verdade? Então esse povo tem que abrir campo, abrir campo de estudo, de educação. E também nem só a educação, como outros cuidados. Cuidados com moradia, dignidade, segurança para o jovem. Você está vendo como os jovens estão se acabando? Sempre, sempre nós vai em velório. Velório de pessoas amigas que moram por aqui. A gente que ainda não morreu ainda vai no velório dos outros. Eu não sei se você pensa como eu penso, ou se você vê o que eu vejo, mas faz dó, rapaz. A gente vai no velório de alguém, no enterro de alguém, de cada vinte pessoas que são sepultadas por dia, de cada vinte, quinze é jovem. E isso é todos os dias, uma rotina, todos os dias. Agora, por que isso? Falta de segurança, para a nação. Falta de educação para os jovens, falta de autoridade para combater o tráfico de drogas, combater as drogas. Combater a prostituição. Ninguém vê nada, ninguém vê nada, meu amigo. E se as autoridades não tomar uma providência sobre isso aí...ai dos seus filhos, coitado do futuro dos seus filhos, e também dos filhos deles também.

Faço do sonho de Valdomiro, homem “feio, pobre e analfabeto”, como ele mesmo se definiu quando de nosso primeiro contato, o sonho de milhões de brasileiros que vivem cotidianamente a experiência da desfiliação material e simbólica a um mundo que fazia sentido até outro dia, e que se recusam, através dos apelos a formulação de uma regulação social pública, a serem reduzidos ao papel de párias. Eis o homem de escolaridade pouca e de oportunidades de vida tão radicalmente estreitas que utiliza as lembranças da infância rural para metaforizar a sociedade e dar sua explicação sobre o mundo. Que o caruncho da privatização das relações sociais não destrua a horta de Valdomiro. Que não destrua a horta de todos nós.

Conclusões

O desenvolvimento recente do bairro globalizado na região sudoeste da cidade de São Paulo demonstra a prevalência de um capital que crescentemente se mundializa, atravessa fronteiras territoriais, serve-se do Estado para maximizar a sua valorização e ignora parte significativa dos entornos geográficos e sociais que encontram-se a sua volta. Desenvolve laços de sociabilidade que parecem ser mais fortes entre seus componentes, interligados em redes informacionais, do que propriamente com atores e grupos sociais que lhe são distintos.

O processo de mundialização do capital transfigura as espacialidades ao redor do mundo e redefine a morfologia das metrópoles. Se a metrópole clássica, tal qual a conhecemos nos escritos de um Engels, de um Dickens, de um Benjamin ou na poesia de Baudelaire, era vinculada aos processos de modernização, tendo a dimensão do trabalho industrial como organizadora de uma economia, de uma sociabilidade e de uma estética próprias, as metrópoles contemporâneas, sejam as do países do núcleo do capitalismo mundial ou não, com suas ilhas de globalidade e suas subversões às dimensões de tempo e espaço, apontam para a tendência de redução de uma regulação política da dinâmica social.

A volatilidade crescente do capital solapa as vontades reguladoras do planejamento urbano, desmantela as reivindicações de inúmeros grupos sociais presentes na cidade e, no limite, pode impossibilitar a construção de uma sociedade plausível. O Estado, tornado muitas vezes pouco mais que um gestor das necessidades do grande capital, refuta a idéia de uma refundação da dimensão política e ignora as demandas da maioria da população urbana. Como nos diz Rancière, daí decorre o desentendimento (Ranciere, 1996) Pelo dissenso, àqueles que não tem suas demandas reconhecidas, como ocorre com a maior parte das populações urbanas na atualidade, só resta lutar para conquistar o reconhecimento de seus pleitos, de suas falas, de seus discursos, fundando no conflito a sua reivindicação, fazendo os grupos privilegiados os reconhecerem como sujeitos de direitos e obrigando o Estado a se repolitizar e se abrir ao diálogo.

Enquanto as condições sociais objetivas para tanto não se tornam realidade, o que se tem visto nas grandes cidades do mundo é que a emissão da fala das populações desprivilegiadas tem se dado através de urros, numa tentativa desorganizada de fazer valer os reclamos das maiorias. No caso de São Paulo, a explosão da violência, antes restrita aos circuitos periféricos e atualmente generalizada pelo espaço urbano e transbordando para dentro inclusive da ilha de globalidade representada pelo Vetor Sudoeste, ilustra a dimensão da gravidade da adoção de uma estratégia de preparar um pequeno recorte da cidade para ter competitividade internacional e ignorar todo o restante. A questão de fundo é: até que ponto a construção de uma ilha de globalidade, pelo capital privado e pelo Estado, é eficaz em manter tal espaço asséptico e imune à violência, à pobreza, à decadência econômica e ao abandono que se passam fora dela? Ou, estendo-a ao plano nacional, até que ponto o desenvolvimento brasileiro vai poder continuar se dando aos saltos, sempre a adentrar a novos ciclos de inserção internacional sem no entanto resolver os desequilíbrios criados pelos ciclos anteriores?

Atentando-se à questão da metrópole, é possível dizer que em todos os ciclos pelos quais passou a cidade ocidental, da antiga cidade mercantil à cidade industrial, a mais marcante característica urbana sempre foi o encontro de uma gama de atividades econômicas diversas, empreendidas por indivíduos os mais variados, envolvidos num conjunto de trocas que constituem o cerne da sociabilidade. Hoje, no entanto, é possível que, diante tanto das revoluções tecnológicas em curso, que ensejam a explosão de processos imateriais de valorização do capital e virtualização do espaço, quanto do afastamento progressivo, no espaço urbano, entre grupos sociais diferentemente

relacionados com os fluxos globais de capital que atravessam o mundo, estejamos assistindo à imploração do conceito clássico de metrópole.

Em cada período histórico, caracterizado por suas técnicas e tecnologias próprias, existe um tipo específico de uso e interação com o espaço. Numa época em que a cidade deixa de ser industrial e passa a ser atravessada por inúmeros fluxos imateriais, é possível que a relação com o espaço se torne virtual, pelo menos para aqueles indivíduos e grupos sociais mais diretamente envolvidos cotidianamente com a mundialização do capital. Este pode ser o caso dos executivos das transnacionais, cuja experiência social cotidiana é crescentemente desmaterializada e absorvida pela dinâmica do contato realizado através das tecnologias de informação. Sob esta perspectiva, poderíamos dizer que estes estratos não vivem mais a cidade. Pois viver a cidade, tal qual a vive o *flâneur*, por exemplo, é andar pelo passeio público, é deslocar o corpo no espaço, é interagir, conhecer e reconhecer o outro, exercitar e desenvolver identidades a partir do encontro com o diverso, apreender a materialidade urbana e criar noções de pertencimento.⁸

Se os indivíduos já não compartilham esta experiência, e vivem muito mais a deslocar-se pelos espaços virtuais ou reais das torres de escritórios, ou se vivem reduzidos a circunscritões urbanas diminutas, por ocasião de estarem sendo descartados pelos processos de acumulação, como tem ocorrido no quadrante sudoeste da cidade de São Paulo, o que temos é a desconstrução de nossas metrópoles, ou, pelo menos, do clássico conceito que as define. Mais correto, talvez, seria chama-las de misantrópolis. Do grego *misânthropos*, que refere-se àquele que tem aversão à sociedade, que evita a convivência, que é solitário, insociável, antropóforo. O verbete, segundo os principais dicionários, pode, por associação, ser estendido ao conceito de melancólico. Pois é isso o que se tem quando dois estratos sociais tão díspares como os aqui abordados não mais se encontram no espaço urbano e tampouco compartilham um conjunto mínimo de valores e uma medida comum através da qual possam estabelecer o diálogo, marcar as distinções e interagir socialmente.

A cidade vive, e enquanto viver será objeto de disputa. O que é característico delas agora é o aprofundamento radical das distâncias não apenas sociais e materiais, mas sobretudo valorativas. Se por um lado alguns estratos adotam a tática cotidiana da evitação, da convivência com o outro, da aversão ao ambiente que lhes é externo, estranho, diverso, por outro lado outros grupos não conseguem apreender e compreender a magnitude das transformações a que estão sendo submetidos. O exemplo do Vetor Sudoeste é, mais uma vez, emblemático neste sentido. Nele estão colocados frente a frente dois contingentes que

⁸ “Cidade virtual desmaterializa a cidade real” - O Estado de São Paulo, 20/10/96

experimentam trajetórias opostas, ocasionadas pela mesma dinâmica: enquanto à margem esquerda os favelados perdem o seu lugar no mundo, na margem direita os executivos fazem do mundo o seu lugar. Se é faculdade dos homens, como nos diz Simmel, construir caminhos, erguendo pontes para vincular aquilo que em princípio, na natureza, não tinha vinculação alguma, e erguendo portas para separar aquilo que originalmente era vinculado, é possível dizer que as pontes que interligam as duas margens do Pinheiros estão hoje, e por enquanto, fechadas (Simmel, 1986).

A conformação sócio-espacial da região sudoeste da cidade de São Paulo evidencia um processo de constante reposição de desigualdades, produzidas e reproduzidas a cada novo ciclo de expansão econômica que o país atravessa. Mais do que herdeiro de um pesado fardo sócio-econômico legado pelo passado, o Brasil é penalizado por seu próprio presente e possivelmente pelo seu futuro, que inauguram novos padrões de desigualdade social, agravados de fato, no caso brasileiro, pela herança anterior. Mas a pobreza está longe de ser um problema do passado. Sua atualidade se acentua na medida em que os pobres são cada vez mais penalizados pelo conjunto de transformações estruturais que atinge a sociedade brasileira, e têm a sua inserção plena na economia de mercado e nos direitos da cidadania mais uma vez adiada e talvez definitivamente comprometida.

O que é possível afirmar, por enquanto, é que embora convivam num espaço contíguo, os executivos das corporações transnacionais presentes no Vetor Sudoeste trabalham na Avenida das Nações Unidas, enquanto que os habitantes da outra margem do Pinheiros moram na Marginal. Talvez quando o metrô cujo traçado atravessa a região for colocado em funcionamento, essas pessoas tão próximas e tão distantes possam se entrelaçar dentro de um mesmo vagão. Mas enquanto não surgem no horizonte as primeiras luzes do comboio, permanecemos todos aqui, na Estação Incerteza.

Bibliografia

- Andrade, Carlos Roberto M – “Confinamento e deriva: sobre o eclipse do lugar público na cidade moderna” – in Souza, Célia F & Pesavento, Sandra J (orgs.) – *Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano* – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997
- Benjamin, Walter – “Experiência e Pobreza” – in Benjamin, Walter – *Obras Escolhidas – Volume I – Magia e Técnica, Arte e Política* – trad. de Sérgio Paulo Rouanet – São Paulo: Brasiliense, 1985
- Bonduki, Nabil – “Crise da habitação e luta pela moradia no pós-guerra” in Kowarick, Lúcio – *As Lutas Sociais e a Cidade: São Paulo, passado e presente* – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994
- Fix, Mariana - "O Estado e o Capital nas Margens do Rio Pinheiros - Duas intervenções: Faria Lima e Água Espraiada" - Trabalho de Graduação Interdisciplinar - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – 1996
- Forrester, Viviane - *O Horror Econômico* - trad. de Álvaro Lorencini - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997
- Frúgoli Júnior, Heitor - “O Centro, a Avenida Paulista e a Avenida Luiz Carlos Berrini na perspectiva de suas Associações: Centralidade Urbana e Exclusão Social” - Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – 1998
- Maricato, Ermínia - *Metrópole na Periferia do Capitalismo* - São Paulo: Hucitec, 1996
- Rancière, Jacques – *O Desentendimento* – trad. de Ângela Leite Lopes – São Paulo: Editora 34, 1996
- Ribeiro, Luiz C. Q. & dos Santos Júnior, Orlando - *Globalização, Fragmentação e Reforma Urbana - O futuro das cidades brasileiras na crise* - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994
- Rolnik, Raquel – “São Paulo, início da industrialização: o espaço e a política” – in Kowarick, Lúcio (org.) - *As lutas sociais e a cidade* - Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979
- Sader, Eder – *Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo 1970-1980* – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988
- Santos, Milton - *Metrópole Corporativa Fragmentada - O caso de São Paulo* - São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura / Nobel, 1990
- Simmel, Georg – “Puente y puerta”- in Simmel, Georg – *El Individuo y la Libertad – Ensayos de crítica de la cultura* – Barcelona: Ediciones Península, 1986
- Singer, Paul – *Economia Política da Urbanização* – São Paulo: Editora Brasiliense / Edições Cebrap, 1975

Tabela 2 – Principais corporações cujos escritórios centrais no Brasil localizam-se no Vetor Sudoeste da cidade de São Paulo

Setor	Empresa	País de origem	Setor	Empresa	País de origem
Finanças	Santander	Espanha	Consultoria empresarial	Andersen Consulting	EUA
	Deutsche Bank	Alemanha		Arthur Andersen	EUA
	Sogeral	França		Booz Allen	EUA
	Lloyds Bank	Inglaterra		Coopers & Lybrand	EUA
	ABN Amro Bank	Holanda		McKinsey	EUA
	Banco Exterior de Espanha	Espanha		Watson Wyatt	EUA
	Chase Manhattan Bank	EUA			
	BCN	Brasil			
	BEAL West LB	Alemanha			
	American Express	EUA			
	Visa	EUA			
BankBoston (futura sede)	EUA				
Tecnologia	America On Line	EUA	Indústria	Agfa	Bélgica
	Bay Networks	EUA		Alcan	Canadá
	Computer Associates	EUA		Alcoa	EUA
	Compaq	EUA		Bayer	Alemanha
	Epson	EUA		Benetton	Itália
	Ericsson	Suécia		BMW	Alemanha
	Hewlett Packard	EUA		Caterpillar	EUA
	Intel	EUA		Ciba-Geigy	Suíça
	Microsoft	EUA		Chrysler	EUA
	Oracle	EUA		Dow Chemical	EUA
	Sun Microsystems	EUA		Gessy Lever	Hol / Inglat
	Texas Instruments	EUA		Hoechst	Alemanha
	3COM	EUA		Multibrás	EUA
				Nestlé	Suíça
				Mobil Oil	EUA
				Parmalat	Itália
				PepsiCo.	EUA
		Pfizer	EUA		
		Philips	EUA		
		Procter & Gamble	EUA		
		Rhodia	França		
		Santista	Argentina		
Ponto.com	Yahoo!	EUA	Telecomun.	AT&T	EUA
	Submarino.com	Brasil		BCP Celular	Brasil
	Arremate.com	Brasil		GTE	EUA
	Viajo.com	México		Northern Telecom	EUA
	Lokau.com	Brasil		HiperNet	Brasil
	Zeid.com	Brasil			
	Latinstocks.com	Brasil			
	Ideia.com	Brasil			
	Automóvel Online	Brasil			
	Organic.com	Brasil			
Submarino.com	Brasil				
Terra.com	Brasil				
StarMedia	EUA				
Mídia	Rede Globo*	Brasil	Comércio e Serviços	Carrefour	França
	Gazeta Mercantil	Brasil		Federal Express	EUA
	Reuters	EUA		Meliá Sol	Espanha
	Net	EUA		World Trade Center	EUA
Entretenim	Warner	EUA	Mercado imobiliário	Bratke Collet	Brasil
	Cinemark	EUA		Birmann / Turner	Brasil / EUA
	Silicon Graphics	EUA		Mackenzie Hill	EUA
				Richard Ellis	EUA
				Tishman Speyer	EUA

Fonte: pesquisa de campo realizada pelo autor